

ENTRE POESIA E EPISTEMICÍDIO

A experiência solitária de uma pesquisadora negra e migrante



Between poetry and epistemicide: the solitary experience of
a black and migrant researcher

Maria Aline Sabino Nascimento
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional | Rio de
Janeiro, Brasil

alinesabino.na@gmail.com | ORCID iD: 0000-0002-8371-2614

Resumo

Este ensaio busca partilhar uma experiência etnográfica relacionada às batalhas poéticas denominadas *slam*. Nele, misturam-se minhas vivências enquanto pesquisadora negra e migrante, no estado do Rio de Janeiro, com a produção intelectual de mulheres negras construída, principalmente, nas ruas, questionando constantemente um lugar “enclausurado” e embranquecido de produção de conhecimento. Defendo que, as poesias faladas, movidas dentro e a partir da realidade vivida, serão lidas como geradoras de conhecimento e produtoras de imagens do mundo, recebendo o status epistêmico que possuem dentro do campo, bem como evocarão uma reflexão sobre a produção e trajetória de intelectuais negras no cenário acadêmico.

Palavras-chave

poesia; poetas negras; pesquisadoras negras; epistemicídio; produção de conhecimento.

Abstract

This essay seeks to share an ethnographic experience related to the poetic battles called slam. In it, my experiences as a black and migrant researcher in the state of Rio de Janeiro are mixed with the intellectual production of black women, built mainly on the streets, constantly questioning a “cloistered” and whitened place of knowledge production. I argue that the spoken poetry, moved within and from the lived reality, will be read as knowledge generators and image producers of the world, receiving the epistemic status that they have within the field, as well as evoking a reflection on the production and trajectory of black intellectuals in the academic setting.

Keywords

poetry; black poets; black researchers; epistemicide; knowledge production.



Introdução¹

Pela primeira vez, desde que vim morar no Rio de Janeiro, ia para a Cidade de Deus, ou também conhecida por CDD. Para mim, ela ainda estava no plano do imaginário, construído a partir de produções cinematográficas. Eu já não era a adolescente que acreditava que o Rio e suas favelas eram o retrato fiel do que era reproduzido no cinema, é claro. Agora, eu era uma pesquisadora, aspirante à antropóloga de um renomado programa em Antropologia Social.

A ocasião que me levava à CDD tratava-se de uma edição do Slam Melanina, organizado por Dudu Neves. Era uma oportunidade de finalmente conversar com Sabrina Martina, depois de algumas tentativas frustradas, a respeito do meu interesse em escrever sobre o Slam Laje em minha pesquisa. Já era 30 de março de 2019, segundo ano do mestrado, e eu ainda não tinha certeza se seria bem-vinda para iniciar uma pesquisa no slam idealizado por Martina, e organizado juntamente à Jaque, Al Neg e Yan. Minha insegurança era fruto da desconfiança, justificada, que minhas interlocutoras tinham com pesquisadores. Nas idas à diversas batalhas de poesia, pude presenciar inúmeras apresentações de poetas que reclamavam ser objetos de estudo da academia sem receberem nada em troca. Essas pessoas reivindicavam um reconhecimento do saber que ofereciam aos pesquisadores, afirmando que não eram apenas informantes, eram produtores/as de conhecimento e isso não era levado em conta, segundo elas.

Um mês antes dessa data do Slam Melanina, eu havia recém-chegado do Ceará onde, além de visitar minha família, também acompanhei o Slam da Quentura,

¹ Este texto é fruto de minha pesquisa de mestrado, defendida em fevereiro de 2020, intitulada: “Poesia que não mata, mas salva pro outro dia”: performance, cotidiano e negritudes nas batalhas poéticas de slam. Não é meu objetivo aqui, no entanto, me debruçar sobre o formato das competições poéticas, mas sim me atentar às experiências que tecem uma reflexão sobre a produção de conhecimento de pessoas racializadas dentro e fora do meio acadêmico.

meu campo durante o ano de 2017. Retornei ao Rio de Janeiro, dia 17 de fevereiro pela manhã. O plano era ir à edição do Slam Laje que estava marcada para acontecer no turno da tarde, às 14 horas. Pedi ajuda de um amigo para me acompanhar ao local no Complexo do Alemão, no qual aconteceria a disputa poética. Eu ainda tinha algumas dificuldades para chegar em locais na cidade, principalmente nas favelas, uma vez que o número de operações policiais havia aumentado consideravelmente. Quando estava pronta para sair de casa, fui dar mais uma olhada no endereço do meu destino para conferir se tinha anotado certo e assim não me perderia. A notícia que vi na página do Facebook do Laje é que a edição havia sido cancelada devido a uma operação policial realizada na Penha, no dia anterior. Naquele momento, a operação já acontecia no Alemão.



Slam Laje

17 de fevereiro · 🌐



COMUNICADO IMPORTANTE:

Devido a mega operação que aconteceu ontem no Complexo da Penha e acabou chegando no Complexo do Alemão, infelizmente teremos que cancelar essa edição do Slam Laje.

Pessoas foram baleadas, vários comerciantes fecharam seus estabelecimentos, o baile da gaiola não aconteceu e ainda há relatos de trocas de tiros acontecendo nesse exato momento em algumas favelas do Complexo.

Não queremos colocar a vida de ninguém em risco, por isso com muita tristeza comunicamos que nosso slam não acontecerá.

Para nós isso é uma tragédia, toda vez que uma atividade como essa voltada para cultura e lazer não acontece, mostra como nossa sociedade está totalmente adoecida .

Pedimos nossas sinceras desculpas aos nossos convidados, mas todos nós somos reféns dessa guerra.

Fonte: Facebook Slam Laje

Comunicado de cancelamento da edição do Slam Laje do dia 17 de fevereiro de 2019

Eu havia me preparado durante um mês inteiro para finalmente falar com Martina sobre a pesquisa. Fiz um roteiro, construí um diálogo na minha cabeça, treinei repetidas vezes. Até voltei a escrever poesia pensando em recitar na edição. A poesia foi deixada de lado com a frustração do cancelamento do evento. A operação policial

acabou com a edição da batalha poética daquele dia, com os dias dos moradores daquelas favelas e com os meus planos, irrisórios perto do que estava acontecendo com esses moradores em dia de operação.

Assim, a edição que aconteceu na Cidade de Deus, depois da operação que ocorreu no Alemão, foi essa nova e importante oportunidade de conversar com Martina. Logo a contatei por mensagem no Facebook, perguntando se ela iria à CDD naquele dia e se poderia me ajudar com orientações de como chegar lá. Martina me aconselhou falar com Dudu Neves, organizador do evento e morador da CDD, pois ele me orientaria melhor. Foi o que fiz. Enviei mensagem para Dudu, que foi super solícito me dando seu telefone para contato e todas as instruções de como chegar no local da batalha poética saindo da Maré ou de São Cristóvão, os dois bairros que mais passava meus dias, sendo o segundo o bairro que morava. Saindo de São Cristóvão, peguei o 314, sentido Penha, e desci na saída sete da Linha Amarela, onde iria encontrar minha companheira na época, Bárbara, para juntas pegarmos o 348 em direção à Cidade de Deus. O local era uma praça fácil de ser encontrada, e quando chegamos lá, às 19 horas, o evento ainda não havia iniciado. Chamei Dudu, me apresentei, ele pediu que eu sentasse e disse que em poucos minutos iria começar. Martina ainda não havia chegado. Enquanto as crianças se reuniam em volta do telão, que passaria um desenho animado, fui comer e conhecer melhor o lugar. Quando voltei, Sabrina Martina estava sentada perto do telão e logo me abraçou, cumprimentou a mim e Bárbara. **“Vi a solidão das manas pretas na academia (...) Tomara que minha irmã mais nova não passe por isso um dia.”**

Dudu chamou a todas avisando que ia começar a batalha e pediu para que nos sentássemos em roda. O Slam Melanina é feito para apenas poetas negros/as recitarem, tanto na disputa, quanto no microfone aberto².

² Existem duas modalidades dentro do formato de batalhas poéticas do slam. A primeira delas é a disputa, momento no qual poetas seguem algumas regras e disputam para vencer a atual edição. A outra, é o

Os/as jurados/as não fugiam a essa regra, também precisavam ser pessoas negras. Quando nos acomodamos, Martina sentou entre mim e Bárbara, nos ofereceu cerveja e me perguntou se eu queria dividir um latão com ela depois. Eu disse que sim.

- Martina, eu preciso conversar contigo. Você não me respondeu lá no Instagram.

- Desculpa, mana, é que tem muita gente falando comigo, mas nós vamos conversar, sim. Vou ali e quando voltar, nós vamos lá comprar cerveja. - Ela disse.

Quando voltou, Martina me chamou para ir com ela ao barzinho que ficava na esquina da praça. Ao chegarmos lá, pediu dois latões enquanto eu pagava minha parte do dinheiro. Perguntou como estavam as coisas e respondi que bem, mas que queria muito conversar com ela. Fomos caminhando de volta à praça e paramos nas grades da quadra, poucos metros antes da roda onde estava acontecendo a batalha poética. Começamos a conversar sobre a edição de aniversário de dois anos do Slam Laje, que aconteceria em maio. Sempre que me via, Martina falava o quanto gostava do Ceará, às vezes até me chamava de “a minha amiga de Fortaleza”, eu a corrigia rindo dizendo que era de Sobral, interior. A edição de dois anos, que estava marcada para acontecer no dia 5 de maio de 2019, contaria com a participação de um grupo de poetas de Fortaleza, e nossa conversa foi iniciada com ela me contando a novidade.

- Então, mana, o aniversário de dois anos do Slam Laje é em maio, hein. Tá vindo uma galera aí de Fortaleza. Pretim da Leste, Jardson Remido...

- Sim, conheço eles. Se precisar de lugar pra cair, pode ficar lá em casa. Mas, então, Sabrina, falando em slam, tu sabe que vim pra cá pra estudar, né? Eu organizava com o PH e a Fran, o slam lá da minha cidade, o Slam da Quentura. Na graduação, falei sobre eles, e queria muito poder pesquisar sobre vocês do Slam Laje

microfone aberto, este, por sua vez, é uma etapa aberta para qualquer pessoa recitar, seja com poesias autorais ou não.

agora na minha dissertação. Quer dizer, vou continuar escrevendo sobre o slam da minha cidade, mas também queria falar sobre vocês. Queria saber se vocês permitem que eu faça isso. Claro que vou ajudar no que eu puder quando vocês precisarem.

- Claro, mana, claro! Pode pesquisar, chega lá na próxima edição e já pode começar. Imagina só, você é uma de nós, é uma mana negra, entendeu, vem lá do Nordeste. A gente tá junta.

- Nossa, cara, eu tô tão aliviada, você não tem noção. Fazia tanto tempo que queria te falar isso e não conseguia. Valeu, mesmo. Mas, me diz como andam as coisas?

Em seguida, Martina desabafou sobre as tentativas frustradas de entrar na universidade e como ela estava cansada e adoecida pela violência que cercava sua vida, pelo racismo e por algumas coisas que aconteciam na militância.

- Estou cansada. Teve tiro esses dias na favela e a gente ficou desesperado achando que meu irmão tinha sido morto, mas depois descobrimos que não era ele. Estou cansada de várias coisas que acontecem na militância, não quero ficar numa militância que adocece. Tô tentando entrar pra universidade, mas não consigo. Passei uns dias bem mal mesmo, mas agora estou bem melhor. Nossa, tô melhor.

Martina falou e logo fomos sentar no batente de concreto que cercava a árvore que estava à nossa frente. Em resposta, falei sobre a necessidade de parar um pouco para poder descansar e também para estudar. No entanto, ela me falou como sua realidade, constituída pelo atravessamento de diversos marcadores, tornava meu conselho inviável.

- Olha, eu sou uma mulher preta, ajudo a sustentar minha família, como eu vou parar, me diz? Tu é uma mulher negra, tu sabe que a gente não pode parar, não dá pra descansar. São várias coisas na nossa vida, na nossa cabeça. São muitas coisas.

Fiquei em silêncio, pois sempre que a realidade de heranças sociais de um país escravocrata me confrontava, lembrava que não importava se, hoje, estava em um contexto de vida diferente de anos atrás, se estava no mestrado. Eu sempre iria sentir o peso da dor do que significava ser uma mulher negra, e no meu caso uma negra nordestina morando no Sudeste. A gente não podia parar. Nos foi tirado até o direito do *autocuidado*, era o que as experiências que me formaram, e formaram Martina, nos falavam.

Durante o mestrado, meu corpo adoeceu quando se deparou com a lógica ainda embranquecida da academia, intensificada na pós-graduação, assim como com a xenofobia pessoal e epistêmica sofrida por mim. A colonialidade instalou-se em espaços de produção de conhecimento, pois foi ela mesmo que constituiu esse lugar euro-estadunidense. Por meio de medidas como as das ações afirmativas, esse espaço viu aos poucos o perfil de seus alunos e alunas mudar. Nesse processo de reconfiguração e descolonização da produção de conhecimento, o cenário acadêmico agora se vê rodeado de pessoas que por anos foram analisadas e categorizadas por ele. Essa realidade é campo de inúmeras contradições, acentuadas, principalmente, por ataques vindo, fundamentalmente, do atual governo Bolsonaro ao projeto de universidade pública e democrática.

Uma recorrente reivindicação de minhas interlocutoras refere-se a um lugar de produção de conhecimento. Para elas, o que produzem não é legitimado e reconhecido pela academia, tampouco por poetas que fazem parte do *mainstream* da cena literária. Os *escritos-relatos* dessas poetas (Silva, 2019) trazem constelações de experiências que diferem do perfil da poesia que ocupa a cadeira principal da literatura, bem como o modo de escrita de pesquisadores que estão fora do lugar da *branquitude* (Schucman, 2012). A divisão entre dois mundos, o do colono e do colonizado, constitui os espaços de produção de conhecimento. Se é o civilizado, a saber o homem branco, o único possuidor de razão, dignidade e humanidade, ele, e somente ele, terá

autoridade para falar. Não à toa, a Antropologia tradicional nasce de demandas coloniais, cumprindo papel na construção do contraste que forma o “Outro” e um “não-lugar”, reafirmando a superioridade das sociedades euro-estadunidense.

Em sua experiência, Grada Kilomba (2010: 2) disserta que:

Assim como uma acadêmica, eu tenho ouvido com frequência que o meu trabalho a respeito do racismo diário é muito interessante, mas não científico, uma observação que ilustra essa ordem colonial que se coloca como lugar de quem é negro, negra ou simplesmente, não branco/a: "Você tem uma perspectiva subjetiva"; "muito pessoal"; "muito emocional"; "muito específico"; "são fatos objetivos?". Tais comentários funcionam como uma máscara que silencia nossas vozes tão logo falamos. Eles localizam os discursos produzidos por pessoas negras e não brancas de volta às margens, como conhecimento desviante, enquanto os discursos brancos são reiterados como centro, como a norma.

Por vezes, ao escrever esse e outros textos, me questioneei se minha escrita não era “pessoal demais”, “interessante, mas não científica”, como ouviu Grada Kilomba a respeito do seu trabalho. Mas, como iria me retirar do meu texto e do meu campo, da maneira que me foi ensinada durante minha formação, se minha própria interlocutora insistia em me posicionar dentro deles com um “tu é uma mulher negra, tu sabe que a gente não pode parar”? Eu realmente precisaria retirar meu corpo e sua experiência do meu campo de pesquisa e produção de texto ou esse era um modelo caracterizado por uma tradição colonial não construída pelos meus pares?

Em maio de 2019, o Instituto Moreira Salles realizou um evento chamado “Oficina Irritada (Poetas que falam)”. O objetivo era reunir “18 importantes nomes da poesia contemporânea brasileira de diferentes gerações e percursos diversos”, contudo, o evento causou revolta nas redes sociais e acabou sendo cancelado, levando uma enxurrada de críticas aos curadores Eucanaã Ferraz e Bruno Consetino. O motivo? Todos os 18 poetas chamados para participar do evento eram brancos. Em

resposta aos protestos causados pelo infeliz evento, Eucanaã Ferraz deu declarações como: “fizeram acusações injustas contra a instituição, os curadores e os poetas convidados. Eles não merecem os ataques que sofreram”. Eucanaã referia-se a comentários tais como, “Ah...mas eles foram escolhidos pela qualidade, nada ver isso de serem brancos.’ Ahã, sei. Querem contestar a qualidade de poetas como Ricardo Aleixo, Conceição Evaristo, Cristiane Sobral, Jarid Arraes, Eliane Marques, Ronald Augusto? Isso só para citar alguns poetas negros contemporâneos porque o Brasil é grande e talvez o IMS ainda não saiba disso.” A entrada de pessoas negras, indígenas, nordestinas, nortistas, na produção de conhecimento extrapola a fronteira de cânones engessados por um modelo colonial, gerando tensões nas esferas epistemológica, pública e nos trabalhos de campo.

Voltando à Martina, quem a conhece sabe do seu enorme desejo em ingressar no curso de Ciências Sociais de alguma universidade pública. Uma das suas assinaturas poética é: “Eu sou Martina, me amarro em mandar umas rimas, mas ainda sonho em ser a primeira universitária da minha família”. Essa frase está presente na maioria de suas poesias. Em uma de suas postagens no Facebook, ela escreve como deseja passar do lugar de favelada que sempre é estudada, para uma estudante de universidade pública. Um vídeo publicado em seu perfil no Instagram mostra um jornalista da Globo News em uma entrevista com Elza Soares. Neste vídeo, o jornalista conta para a cantora o desejo de Martina de se tornar uma cientista social: “uma das entrevistadas do programa é uma menina de 19 anos que é rapper do Complexo do Alemão e está fazendo um pré-vestibular para tentar a vida como cientista social. Ela não sabe se vai pra arte ou se vai pra academia. Que recado você pode dar pra ela e pra tantas outras mulheres?”, pergunta o jornalista. “Pelo amor de Deus faça as duas. Não creia que só a música vai te dar um sustento, tá entendendo? A gente sabe que a música tem momentos muito difíceis de você passar por ela, mas quando você tem cultura, você tem sabedoria, você ultrapassa esse momento muito bem. Não desfaça da

música, por favor, mas não deixe de estudar”, responde Elza Soares.

Sabrina é uma mulher preta, atualmente com 23 anos, moradora do Complexo do Alemão, rapper, poeta, produtora e possui o nome artístico de MC Martina. Atendendo a um convite meu, em 2018, a poeta e sua então namorada e também organizadora do Slam Laje, Jaque, facilitaram uma oficina de poesia durante a programação de um evento no meu programa de pós-graduação. Após a oficina, as levei para almoçar, e Sabrina me contou sobre suas dificuldades no cursinho pré-vestibular e como achava que não se encaixava lá, estava angustiada pela sensação de que estava atrasada demais no conteúdo em relação aos colegas de turma. Mesma sensação que eu sentia dentro da minha pós-graduação. Falamos sobre as confluências de nossas dores e a ofereci ajuda nos estudos para ingressar na universidade, mas a rotina corrida de Martina nunca permitiu que esses encontros fossem possíveis. Em uma de suas poesias, ela escreveu:

Não vivi, mas vi a solidão das manas pretas na academia
 Olho pro céu, fechados os olhos
 Tomara que a minha irmã mais nova não passe por isso um dia
 Vejo como as pessoas estão perdidas,
 Volta e meia eu também esqueço meu propósito de vida.
 Nem sempre quero levantar o punho, minha voz
 Mas aí lembro que Amarildo não está mais vivo
 O que é mais triste ainda é ver como que alguns usam da sua
 morte pra se auto promover na pista.
 É treta!
 O sangue que escorre é sempre das pretas.
 O profeta tava errado, nem sempre gentileza gera gentileza.
 Eu sou mulher, sou preta, sei da responsabilidade que carrego
 nas minhas letras
 Mas quero distância de uma tal militância carregada de
 arrogância, que prega tanto por mudança, adora postar “fé nas
 crianças”
 E nem dá bom dia pra mulekada da vizinhança.

Aprendi a sonhar acordada, vai que o caveirão me apaga com os tiros que ele dá lá de cima pra minha casa

Antigamente, eu brincava de pique-esconde, ninguém jogava mais que eu. Só que um dia meu pai me deixou no jogo e durante anos não apareceu

Mas dona Geralda apareceu, cuidou de mim, enfim

Não vou ser hipócrita, tem feridas abertas, verdades não expostas, mas quem se importa? Será que a minha palavra importa?

Aposto que se eu sair por essa porta você nem lembra mais de mim.

(MC Martina, abril de 2019)

A poesia acima foi postada em seu perfil no Instagram, em abril de 2019, um mês depois da conversa que tivemos na Cidade de Deus. Seus versos expressam os mesmos sentimentos e angústias desabafadas a mim em março. A poeta não esconde o desejo de ingressar na universidade, mas não romantiza o local e reconhece o isolamento e deslocamentos de pessoas que possuem seu mesmo perfil dentro desse espaço: “não vivi, mas vi a solidão das manas pretas dentro da academia”. Algumas das mulheres negras que compartilham com ela o espaço da cena do rap e slam são universitárias. Eu mesma, em algumas de nossas conversas, falei sobre como era ser uma pesquisadora negra, pobre e nordestina, tendo que lidar com a renda apertada, defasagem educacional e com uma teoria que não contemplava minha história. As contradições apresentadas a ela não se tornaram motivo para a desistência do plano de se tornar “a primeira universitária da família”. Tais tensões trouxeram dúvidas, reforçadas por conhecidos, em alguns momentos, porém não o suficiente para desistir. Com o intenso contato com o mundo da poesia e da produção cultural, Martina incorporou na sua rotina um novo hábito, o de sempre estar lendo livros. O sonho de se tornar uma universitária também passa pelo desejo de contribuir na reconfiguração do espaço acadêmico constituído por um racismo estrutural (Almeida, 2018), como é sempre reforçado por ela em suas postagens em redes sociais. Alguns trechos de sua poesia intitulada “Pretos”, MC Martina faz

provocações a respeito do número de pessoas pretas dentro da universidade em comparação ao número de assassinatos sofridos pela população negra:

Quantos pretos já te deram aula?

Quantos são mortos todos os dias?

De quantos você já escondeu seu celular por que achou que ele ia te assaltar?

Quantos você já viu passar no vestibular?

26% dos pretos estão nas universidades.

Não somos nem a terça parte

63 pretos são assassinados por dia no Brasil

Você ainda tem dúvida que um holocausto não está acontecendo aqui?

Desigualdade, crueldade, machismo

Sem prazer nenhum apresento a vocês alguns elementos do racismo

- MC Martina, Pretos.

Sabrina Martina ainda não ingressou na universidade.

Epistemicídio e silenciamento: é o saber algo exclusivo da academia?

Um dos objetivos de Marc Kelly Smith ao criar o Poetry Slam era a possibilidade de pessoas “não letradas” apresentarem suas poesias sem o marasmo e mesmice das clássicas apresentações poéticas realizadas em bares por grupos de intelectuais (Vasques, 2016). Esse modelo deu espaço para que escritores/as colocados/as à margem protagonizassem apresentações enviesadas por uma escrita que traduzia experiências atravessadas, principalmente, por marcadores sociais como raça, classe e gênero. Era a oportunidade de falar a partir de uma ferramenta literária, legitimada como branca, o que foi silenciado historicamente.

Grada Kilomba (2010) descreve o objeto de metal amarrado à boca de escravos para que estes não comessem nada das plantações ou falassem ao seu senhor quando

não era solicitado. Era um instrumento de tortura, mudez e medo. A autora fez uma analogia dessa máscara com o silenciamento causado pelo colonialismo. O silenciamento é uma arma do colonialismo, uma vez que quando é proibido ao outro falar, contar sua história, dá-se início a um processo de invisibilidade. O conhecido dito popular “quem não é visto, não é lembrado”, não é à toa. A invisibilidade converte-se em ferramenta de um governo nevrálgico. Ela gera, entre outras coisas, o fim do direito de contar sua própria história. Posto isto, afirmo que é no campo do silenciamento e invisibilidade que são criados, a partir da ótica hegemônica, sujeitos fabulados como perigosos, incompatíveis, violentos, conflitantes, àqueles “à margem da racionalidade do Estado e suas instituições” (Silva 2019:53) e sem lugar na construção da sua própria história.

Quando tornam-se poetas e slammers³, há um evidente desenvolvimento da fala e da escrita, como também do envolvimento desses sujeitos em ações concretas que modificam a realidade do seu bairro e da sua cidade, vide Slam Laje, primeiro slam de favela do país. Alguns projetos culturais nascem nessas localidades a partir de uma competição de poesia realizada no bairro ou em áreas próximas. Este é o caso das batalhas de MC's que se iniciaram na cidade de Sobral, localizada na Zona Norte do Estado do Ceará, logo após o contato de jovens MC's moradores de bairros de alta vulnerabilidade, exemplo disso é a Batalha da TN realizada no Bairro Terrenos Novos.

Retornando ao contexto do Rio de Janeiro, falo agora sobre Rejane Barcelos, poeta e uma das organizadoras do Slam das Minas RJ. Ela me contou como sair do campo da invisibilidade acarreta mudanças concretas no modo como ela se constrói enquanto pessoa. Quando a pedi para citar sua história em minha pesquisa, ela respondeu:

³ Nome dado à poetas que competem nas edições e campeonatos de slam. Também uso “poeta” para me referir tanto às mulheres quanto aos homens.

- Sim, só vou te pedir pra não romantizar a parada e sim usar essa mudança como crítica, pois quando você faz a comparação acaba caindo no discurso da meritocracia.

- Não, não se preocupe. Acho a meritocracia racista. Vou falar da sua mudança na perspectiva de como a poesia foi um fôlego de vida. Nessa estrutura racista a gente precisa de vários meios para reinventar nossa existência pra não morrer, não só de bala, de fome, de falta de oportunidade, mas também pra não morrer de banzo. Quero falar a partir disso, que você tá se reconstruindo. Você concorda com isso? Questionei.

- A poesia foi uma ferramenta que usei para fazer ecoar a minha voz e ter protagonismo, pois a tendência dessa estrutura racista é nos tornar invisíveis e de tanto ficar invisíveis passamos a acreditar que realmente somos, e somos condicionados à margem, entende? Então, a partir do momento em que as pessoas me enxergaram, eu também me enxerguei e passei a voltar a acreditar no meu trabalho”

O sociólogo Rômulo Silva (2019), em seu trabalho sobre práticas de re-existências poéticas na cidade de Fortaleza, Ceará, afirma que quando o poeta fala, ele passa a existir “para si mesmo e para os outros que estão ali à sua volta”, de outra forma. Ele ainda completa que “no âmbito da possibilidade do exercício pleno do direito e da cidadania, quando se trata dos e das poetas das periferias esse direito ‘é fundamentalmente contestado, frágil e revogável’ (Mbembe 2014b:56 apud Silva 2019: 53)

Rejane Barcellos era conhecida como Rejane Camelô. Mulher negra, gorda e vendedora ambulante. Você sempre podia encontrá-la em todos os eventos no centro, Casa das Pretas, Cinelândia, nas manifestações, com seu isopor suspenso por uma corda própria para aquela atividade. Nele, havia a propaganda do seu produto que anunciava que o pão de queijo era um real. A primeira vez que a vi recitar foi no aniversário de um ano do Slam Laje, realizado no dia 27 de maio de 2018.

Antes de chegar sua vez, Rejane circulava todo o evento vendendo seus pães de queijo. Nos intervalos das apresentações podia-se ouvir a slammaster sempre lembrar ao público: “gente, pão de queijo um real, tá acabando, hein. Não percam a oportunidade de comprar da Rejane, quem já comprou não se arrepende”. Nesta edição, a poeta foi para a fase final, mas o vencedor da noite foi Dudu Neves. A sua participação em apresentações e disputas poéticas aumentava a cada fase final e vitórias que a poeta chegava e tinha. Depois de alguns meses, Rejane passou a integrar o Slam das Minas como uma das suas organizadoras. De “Rejane Camelô” ela passou a ser a “Rainha do Verso”, seu atual nome artístico.

Em nossa conversa, e em algumas de suas apresentações, ela afirma que ainda é camelô, mudou apenas o produto que vende. Não foi apenas o produto de venda que mudou, no entanto. Depois que iniciou sua carreira como poeta, ela conseguiu ingressar no curso de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, mudou seu estilo de roupa nas apresentações e começou a sair em reportagens de jornais e blogs que falam sobre poetas contemporâneos. Hoje, o sustento de Rejane vem da sua poesia. Se tornar poeta e slammer, significou para Rejane habitar zonas de existência (Silva, 2019), campos férteis de possibilidade de se tornar visível e assim se tornar sujeito de direito, sujeito vivo.

Os trechos da poesia a seguir pertencem à Rejane Barcelos e pode ser encontrada em seu perfil no Facebook:

Não
Não senhor
Eu não li Kafka
Nem tampouco Dostoiévski
Também não li tóistoi
Nem hood alen
Muito menos dante
Vi passar Hilda Hilst

Mas ela só me olhou da cabeça aos pés
E com seu olhar gelado seguiu em passos pedante
(...)
Bem que tentaram me fazer ler
Mas tive que ir pra batalha muito cedo
Ainda bem que não o li
Também não tive tempo de ler Homero
De odisseia já me basta a do brt das cinco

Proust de mim passou longe
Assim com Cervantes, Dante e Foucault
Jane Austen bem que tentou
Mas foi difícil vir aqui e arriscar Manchar os sapatos no esgoto
da rua que estourou

Nabucov eu quero é distância
Deus me livre de história desses pedófilo que pega criança
Lispector também tenho pavor
Essas madame destilando chavões
Enquanto eu trepada na varanda
Limpo suas vidraças
Que desgraça
Vou concordando
Pois do que ela me diz
Não entendo nada com nada
Mas olhe senhor não pense você que eu não sou letrada só
porque nunca abri um livro
Do tal do Saramago
Não quer dizer que minha leitura
E só pra fazer suas compras do supermercado
Pois além do conhecimento
Também tenho intimidade

Seus versos relatam uma vida privada de tempo
hábil para ler autores canônicos como Dostoievski, Hilda

Hilst, Foucault. Mesmo se tivesse tempo hábil, a crítica de Rejane é que a universidade só oferecia para ela o cânone literário e as bibliografias acadêmicas compostas por autores brancos, apartados de sua realidade.

Uma das reivindicações que sempre ouço dos/das meus/minhas interlocutores/as, é que eles e elas estão cansados de serem colocados na caixa fechada de poetas de slam e não serem reconhecidos enquanto autores e artistas “como qualquer outro”. Em uma de suas postagens no seu perfil do Facebook, Rejane relatou sobre estar na aula de Teoria Literária e a professora citar alguns nomes de poetas que transitam na cena do slam. Um desses nomes foi campeão nacional do campeonato de poesia falada em 2018, o Slam BR. Outro é idealizadora e uma das organizadoras do Slam das Minas RJ; e outro é uma poeta nascida em uma periferia do Rio de Janeiro, mestre em literatura português e filha de camelôs. Sobre a postagem de Rejane, uma das poetas citada na aula logo comenta:

Poeta: Eita! Mas cá entre nós, se eu ganhasse um real pra cada vez que um acadêmico me cita, eu tava mec⁴ (literalmente?)

Rejane: neh? Kkkkkk é a sina da 4p. Poeta, Pobre, Preta, Periférica.

P: Mas na moral, reparei que me comparavam muito com Carolina Maria, mas custei a ver que o que é igual a ela se pá nem é o talento, é a carreira. Eles querem que eu publique até meus pensamentos e depois morra pobre, mártir, exemplo. Tadinha. Não foi reconhecida o gênio que era.

Rejane: É isso que eu não admito. Nós somos poetas e ponto. Agora mesmo eu falei dos seus títulos das suas publicações e ela tentou fazer o recorte ‘melhor poeta DE SLAM.’ Eu pulei e falei que não! Melhor poeta e ponto! Porque quando se vai ensinar o cânone machobranco ninguém faz recorte. Eu hem

⁴ Gíria carioca que fala sobre estar muito bem.

P: Fala pra ela que se precisar escrever decassílabo eu sou do carai tbm! Kkk. Eu tive uma infância solitária, li muito Drummond e Walt Whitman. Se ela quiser eu recito o corpo elétrico em 4 idiomas.

É verdade que, a nível de produções epistemológicas, houve uma troca injusta durante anos com povos indígenas, africanos e diaspóricos. Para além do campo teórico, os intercâmbios económicos, sociais, historiográficos e culturais também foram desprovidos de equidade. A colonialidade (Fanon 1968) instalou-se em espaços de produção de conhecimento, pois foi ela mesmo que o instituiu no lado ocidental do globo. Kabengele Munanga nos relata que as circunstâncias históricas no campo intelectual revelam “as relações íntimas e sub-reptícias que sempre existiram entre a conquista colonial e os produtores do conhecimento sobre a África.” (1985:85). A crítica ao campo antropológico, por exemplo, surge concomitante aos movimentos de descolonização do terceiro mundo (Ibid), o que nos mostra que é o movimento que busca ruptura com as matrizes coloniais que engendra críticas valiosas ao campo de produção de conhecimento dessa disciplina.

A lógica colonial arrancou de povos negros a legitimidade de produções no campo intelectual. Busquei mostrar neste ensaio, a partir das experiências de poetisas negras e a minha enquanto pesquisadora, que por meio da poesia de mulheres negras um lugar de produção de conhecimento é reivindicado. Como foi visto, há uma semelhança nas memórias e emoções desses corpos, quando nos referimos ao campo intelectual, resultado de um epistemicídio (Carneiro 2005). No entanto, o título deste ensaio nos provoca: é essa caminhada intelectual solitária? Sim e não, respondo. Como nos lembra Grada Kilomba “escrever é um ato de descolonização no qual quem escreve se opõe a posições coloniais tornando-se a/o escritora/escritor ‘validada/o’ e ‘legitimada/o’ e, ao reinventar a si mesma/o, nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer fora nomeada.” (2019:28). Mesmo tendo minha escrita questionada, ao mesmo tempo que reclamo uma antropologia que abra

espaço para intelectuais negros/as, encontrei na herança ancestral de comunidade e coletividade o único meio possível de produção de conhecimento dentro do campo acadêmico. Foi nas poesias de Martina, de Rejane e de tantas outras e outros; foi em Zora Hurston, Lélia Gonzalez, Kabengele Munanga que o sentimento de deslocamento e solidão se esvaia. Como nos fala Kilomba, que possamos nos opor a esse lugar de Outridade e nos inventar de (modo) novo.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. 2018. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte (MG): Letramento.
- CARNEIRO, A. S. 2005. *A Construção do Outro como Não-ser como fundamento do Ser*. São Paulo: FUESP.
- FANON. Frantz. 1968. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- KILOMBA, Grada. 2010. “A máscara”. In *Cadernos de literatura em tradução*. Universidade de São Paulo. (traduzido por Jéssica Oliveira de Jesus), n. 16. pp. 171-180.
- Kilomba, Grada. 2019. *Memórias da plantação*. Episódios de racismo cotidiano. Tradução Jess Oliveira. Editora Cobogó
- MUNANGA, Kabengele. 1985. Antropologia africana: mito ou realidade. *Estudos Afro-asiáticos*, no 11.
- SILVA, R. A. 2019. Entre “artes” e “ciências”: a noção de performance e drama no campo das ciências sociais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 35-65,
- VASQUES, L. A. 2016. *Poética e Performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social*. Lisboa.

Enviado: 18/11//2021

Aceito: 25/04/2022